

ASSOCIAÇÃO ENTRE ATIVIDADE FÍSICA E INDICADORES DE CONDIÇÃO SOCIOECONOMICA: estudo comparativo entre crianças e adolescentes do município de Santa Cruz do Sul – RS/ Brasil

Matheus Cezar Maria¹, Cézane Priscila Reuter², Natalí Lippert Schwanke³, Éboni Marília Reuter⁴, Greice Graziela Morais⁵, Leandro Tibiriçá Burgos⁶, Miria Suzana Burgos⁷

RESUMO

Este estudo buscou verificar possíveis diferenças dos níveis de atividade física relacionados com as condições socioeconômicas de escolares do município de Santa Cruz do Sul-RS. Possui caráter transversal-descritivo, tendo como sujeitos 350 escolares, com idade entre 7 e 17 anos, de ambos os sexos. Para a coleta de dados, foi utilizado questionário adaptado previamente validado e a análise estatística constou do teste qui-quadrado. Foram encontradas diferenças estatisticamente significantes na forma de deslocamento, ao que tange âmbito escolar e nível socioeconômico, para ambos os sexos. Destaca-se que estudantes do meio urbano e de níveis socioeconômicos inferiores mostraram-se mais ativos neste quesito. Na prática de atividade física, os resultados apontaram uma relação inversa desta variável com o nível socioeconômico. No âmbito escolar, observou-se a maior prevalência de sujeitos inativos na zona rural. A diferença da forma de deslocamento e atividade física dos escolares avaliados, tanto em relação ao âmbito escolar, quanto ao nível socioeconômico, demonstra diferentes perfis de escolares, que em futuros programas de intervenção devem ser considerados.

Palavras-Chave: fatores socioeconômicos; exercício; atividades cotidianas.

PHYSICAL ACTIVITY PRACTICE AND THE SOCIO-ECONOMIC CONDITIONS: comparative study of children and adolescents of the municipality of Santa Cruz do Sul – RS

ABSTRACT

The aim of this study was to verify possible differences in the levels of physical activity related to the socio-economic conditions of schoolchildren in the municipality of Santa Cruz do Sul-RS. It is of transversal-descriptive character, and its subjects are 350 schoolchildren, aged 7 to 17, of both genders. For data collection a previously validated and adapted questionnaire was used, while the chi-squared-test was used for statistical analysis. Significant statistical differences were detected in the manner of locomotion, with regard to the school level and socio-economic status, for both genders. The results showed that students from urban areas and of inferior socio-economic levels showed more active in this respect. In the practice of physical activities, the results pointed to a reverse relation of this variable with the socio-economic level. At school level, a prevalence of inactive subjects from the rural area was observed. The difference in the form of locomotion and the physical activities of the evaluated schoolchildren, both at school level and at their socio-economic level, demonstrates different profiles of schoolchildren, which should be considered in future intervention programs.

Keywords: socioeconomic factors; exercise; activities of daily living.

¹ Universidade de Santa Cruz do Sul. Curso de Educação Física. E-mail: matheuscesarmaria@hotmail.com

² Farmacêutica. Mestranda em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

³ Graduada em Fisioterapia.

⁴ Fisioterapeuta.

⁵ Farmacêutica.

⁶ Docente do Departamento de Educação Física e Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

⁷ Docente do Departamento de Educação Física e Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

INTRODUÇÃO

A atividade física vem ganhando importância na qualidade de vida de crianças e adolescentes, porém, uma grande proporção destas não consegue alcançar níveis satisfatórios neste quesito. Pesquisas em nível internacional e nacional têm apresentado prevalência elevada de inatividade física na população jovem, além de um grande declínio no nível de prática de atividade física nas últimas décadas^{1,2}.

O aumento da urbanização em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, a especulação imobiliária, a evolução da tecnologia, o aumento, tanto do número de veículos motorizados em vias públicas, quanto da violência, tem feito com que a infância de hoje seja carente em relação à atividade física. As consequências dessa carência para a saúde do homem são prejudiciais e bem conhecidas: maior risco de aterosclerose e suas implicações (angina, infarto do miocárdio, doença vascular cerebral), aumento da obesidade, hipertensão arterial, diabetes, osteoporose, dislipidemias, doença pulmonar obstrutiva crônica, asma, depressão, ansiedade, além de aumento do risco de afecções osteomusculares e de alguns tipos de câncer³.

Dessa forma, a saúde pública tem como um de seus principais objetivos elevar os níveis de atividade física na população jovem. Entretanto, apesar dos esforços demandados, os programas de promoção da atividade física têm se mostrado ineficientes. Vem sendo bastante discutido que a melhora na efetividade destes programas está relacionada, entre outros, a uma melhor análise sobre os fatores intrapessoais, interpessoais, psicológicos, e ambiental que influenciam diretamente nos hábitos de atividade física dos jovens¹.

Neste cenário, tanto no campo da pesquisa, quanto no da intervenção em saúde, vem crescendo o debate sobre as ações que podem ser desenvolvidas o mais precocemente possível, para promoção de estilos de vida mais ativos fisicamente. No domínio dos deslocamentos, o incentivo à prática de caminhar e pedalar vem sendo indicada como uma estratégia eficiente e efetiva para auxiliar neste objetivo⁴.

Por fim, a condição socioeconômica relacionada à atividade física tem sido pouco investigada, sobretudo em crianças e adolescentes brasileiros. Os estudos encontrados foram desenvolvidos com crianças e adolescentes das regiões sul, sudeste, e nordeste do Brasil, não sendo localizado nas demais regiões⁵.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo verificar as possíveis diferenças entre o perfil dos níveis de atividade física e condição socioeconômica das crianças e adolescentes da cidade de Santa Cruz do Sul, de diferentes âmbitos escolares.

MÉTODO

Trata-se de estudo transversal descritivo, que tem como sujeitos 350 escolares, de ambos os sexos, com idades entre 7 e 17 anos, pertencentes às escolas da cidade de Santa Cruz do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul. Foi previamente encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), sob o protocolo nº4913/07. Os pais ou responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a participação do escolar à entrada do estudo.

Para a coleta de dados, foi utilizado questionário adaptado de Barros e Nahas⁶, já validado em pesquisas anteriores do presente grupo, e que neste estudo foram selecionadas questões referentes à prática de atividade física (você pratica, atualmente algum esporte/atividade física), deslocamento para a escola (você se desloca de bicicleta ou a pé) e indicador socioeconômico, classificado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP)⁷.

A análise de dados foi realizada no programa *SPSS for Windows* versão 18.0, através de estatística descritiva (frequência e percentual), tanto para caracterização da amostra, quanto para as questões abordadas no questionário. Os resultados em relação às questões de deslocamento e atividade física foram diferenciados por sexo. As diferenças foram calculadas para as respostas

do mesmo sexo, através do teste qui-quadrado, sendo o nível de significância considerado de $p < 0,05$.

RESULTADOS

De acordo com a Tabela 1, que apresenta as características demográficas, socioeconômicas, de deslocamento para a escola e de prática de atividade física, observa-se que a maior parte dos sujeitos afirma se deslocar de forma ativa para a escola (54,9%). Além disso, 79% dos escolares praticam atividade física em seu tempo livre.

Tabela 1 – Descrição da amostra

Variáveis	n (%)
Sexo	
Masculino	184 (52,6)
Feminino	166 (47,4)
Escola	
Estadual	89 (25,4)
Municipal	86 (24,6)
Particular	90 (25,7)
Zona rural	85 (24,3)
Nível socioeconômico	
A1-A2	57 (16,3)
B1-B2	90 (25,7)
C	163 (46,6)
D-E	40 (11,4)
Deslocamento para a escola	
Ativo	192 (54,9)
Passivo	158 (45,1)
Prática de atividade física	
Não	72 (20,6)
Sim	278 (79,4)

A Tabela 2 nos mostra as respostas de como é feito o deslocamento para a escola e as diferenças entre os âmbitos escolares e nível socioeconômico, estratificado por sexo. Observa-se que há diferenças significativas no deslocamento entre as escolas, tanto no sexo masculino, quanto no feminino. Nas escolas públicas da zona urbana (estaduais e municipais), a grande maioria dos alunos utiliza um modo ativo para ir à escola, sendo encontrado um percentual de 96,7% para o sexo masculino e 89,55% para o feminino. Já, nas escolas da rede particular e da zona rural tem-se um resultado inverso.

Tabela 2 – Forma de deslocamento para a escola, âmbito escolar e nível socioeconômico

	SEXO MASCULINO		P	SEXO FEMININO		P
	Deslocamento para a escola			Deslocamento para a escola		
	Ativo n (%)	Passivo n (%)		Ativo n (%)	Passivo n (%)	
Escola						
Estadual	44 (95,7)	2 (4,3)	<0,001	42 (97,7)	1 (2,3)	<0,001
Municipal	42 (97,7)	1 (2,3)		35 (81,4)	8 (18,6)	
Particular	8 (17,0)	39 (83,0)		13 (30,2)	30 (69,8)	
Zona rural	4 (8,3)	44 (91,7)		4 (10,8)	33 (89,2)	
Nível socioeconômico						
A1-A2	5 (20,8)	19 (79,2)	0,001	12 (36,4)	21 (63,6)	0,002
B1-B2	27 (49,1)	28 (50,9)		16 (45,7)	19 (54,3)	
C	60 (65,9)	31 (34,1)		45 (62,5)	27 (37,5)	
D-E	6 (42,9)	8 (57,1)		21 (80,8)	5 (19,2)	

Ainda na Tabela 2, com relação ao modo de deslocamento e nível socioeconômico, há diferenças significativas. Observa-se que os escolares pertencentes aos níveis A1-A2 e B1-B2 deslocam-se, na sua maioria, de forma passiva no percurso até a escola, sendo representado por 79,2% e 63,3% nas classes A1-A2, 50,9% e 54,3% nas classes B1-B2, ambos respectivos para o sexo masculino e feminino. Ao contrário, no nível C, a maioria dos alunos desloca-se de maneira ativa, representados por 65,9% do sexo masculino e 62,5% do feminino. Por fim, na classe D-E os sexos divergiram, sendo que enquanto no masculino a maioria dos alunos se desloca de forma passiva (57,1%), no feminino prevaleceu o deslocamento ativo (80,8%).

Tabela 3 – Prática de atividade física, âmbito escolar e nível socioeconômico

	SEXO MASCULINO		p	SEXO FEMININO		p
	Atividade física			Atividade física		
	Sim n (%)	Não n (%)		Sim n (%)	Não n (%)	
Escola						
Estadual	42 (91,3)	4 (8,7)	<0,001	34 (79,1)	9 (20,9)	<0,001
Municipal	43 (100)	0 (0)		36 (83,7)	7 (16,3)	
Particular	41 (87,2)	6 (12,8)		40 (93,0)	3 (7,0)	
Zona rural	25 (52,1)	23 (47,9)		17 (45,9)	20 (54,1)	
Nível socioeconômico						
A1-A2	21 (87,5)	3 (12,5)	0,668	31 (93,9)	2 (6,1)	0,001
B1-B2	47 (85,5)	8 (14,5)		31 (88,6)	4 (11,4)	
C	72 (79,1)	19 (20,9)		50 (69,4)	22 (30,6)	
D-E	11 (78,6)	3 (21,4)		15 (57,7)	11 (42,3)	

A Tabela 3 nos mostra dados sobre a prática de atividade física apresentando as diferenças entre os tipos de escolas analisadas e nível socioeconômico. A maioria dos alunos referiu que pratica atividade física, sendo que no sexo masculino a prevalência foi de 82,6%, e no sexo feminino 75,4% ($p < 0,001$ para ambos). Ao analisar através dos níveis socioeconômicos, A1-A2 obtiveram a maior frequência total, chegando a 90,7% de alunos que praticam atividade física, enquanto que o nível D-E apresentou 68,15% nestas condições, apresentando a menor prevalência.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos através desta pesquisa nos mostram que a maioria das crianças e adolescentes utiliza algum modo ativo para ir à escola. Porém, ao analisar mais detalhadamente, separando as escolas por âmbito ou níveis socioeconômicos, verificamos a presença de diferenças; enquanto os alunos das escolas municipais, estaduais e do nível socioeconômico C utilizam, em sua maioria, um modo ativo para se deslocar até a escola, os estudantes das escolas particulares, da zona rural e dos níveis A1-A2, B1-B2, e D-E, utilizam predominantemente o modo passivo.

Em Pelotas-RS, estudo demonstrou que o deslocamento ativo de adolescentes com 14-15 anos estava relacionado à cor da pele e nível socioeconômico mais baixo, coincidindo com nossos achados⁸. Na mesma localidade, desta vez com crianças de 10-12 anos, o deslocamento a pé também foi associado negativamente ao nível socioeconômico, sendo o percentual de tempo dos sujeitos do nível E seis vezes maior do que o observado no nível A, na medida em que neste último a utilização de motocicletas e automóveis foi predominante. Na totalidade dos sujeitos, encontraram 73,7% dos meninos e 72,0% das meninas que responderam deslocar-se ativamente até a escola, percentuais mais elevados em comparação ao presente estudo⁹. Em São Luís-MA¹⁰, o deslocamento a pé esteve entre as atividades físicas mais citadas, sendo mais prevalente em alunos pertencentes à rede pública de ensino e em meninos.

Souza¹¹ mostra que as atividades comumente realizadas no cotidiano, como os deslocamentos ao trabalho e a escola, podem contribuir de forma bastante significativa para o acúmulo no nível de atividades físicas, principalmente pela observação no declínio nos níveis de prática ao longo dos anos, em especial nas mulheres. Ele também afirma que os fatores que mais incentivam para o deslocamento ativo para a escola são: colegas na vizinhança que façam o mesmo percurso e pais que estejam satisfeitos com o tráfego de pedestre nos arredores do bairro e da escola. Outro destaque é aos menores níveis de excesso de peso corporal observados em jovens que se deslocam a escola a pé ou de bicicleta.

Neste sentido, quando avaliados fatores antropométricos associados ao deslocamento ativo, pesquisa realizada em João Pessoa-PB¹² demonstrou a associação desta variável à menor prevalência de excesso de peso e de gordura. Mais uma vez, foi verificada a relação da maior prevalência de inatividade nas escolas privadas, corroborando nossos achados. Em contrapartida, não foi verificado diferença entre a forma de deslocamento para a frequência de pressão arterial elevada, quando considerado o tempo despendido da residência até a escola. Este fato pode ser explicado pelo corte transversal do estudo, que não consegue observar a relação de causa e efeito entre as variáveis. Ademais, questões ambientais, sociais e econômicas, que podem influenciar nos resultados, não foram controladas.

Para a questão referente à prática de atividade física diferenciada por âmbito escolar, os resultados são divergentes entre os sexos, porém favoráveis na medida em que a maioria dos estudantes respondeu positivamente à questão. Ao analisarmos mais detalhadamente, os escolares da zona rural apresentaram-se mais inativos, ao mesmo tempo em que cerca de 90% destes responderam utilizar o modo passivo para ir à escola. Estes resultados podem estar atrelados a questões como maior percurso entre escola e residência, ausência de infraestrutura adequada para a prática de exercícios físicos, e por estes alunos auxiliarem seus pais nos trabalhos do campo.

Em estudo ocorrido em Curitiba-PR¹³, verificou-se que mais da metade dos adolescentes praticavam atividade física de intensidade moderada a vigorosa em pelo menos um dia da semana (71,5% do sexo masculino e 46,5% do feminino). Entretanto, somente 14,5% (22,3% e 9,1%, respectivamente) atingiram a frequência recomendada. Ambos os resultados apontam que adolescentes do sexo masculino são mais ativos fisicamente.

Segundo Leal e Klug¹⁴, há uma relação inversa entre a atividade física e idade em crianças e adolescentes. Farias Júnior¹ encontrou cerca de seis em cada dez alunos classificados como fisicamente inativos, com prevalência superior nas meninas. A inatividade física foi associada positivamente com a condição socioeconômica, indicando maior prevalência de inatividade física nos adolescentes que não trabalhavam, e nas meninas cujos pais apresentavam maior nível de escolaridade.

No que tange o nível socioeconômico, este vem sendo o fator mais influente na prática de atividade física em crianças e adolescentes. Ao considerar apenas atividade física de lazer, verifica-se que a inatividade é maior em indivíduos de baixa renda. Já, ao ponderar atividades do dia-a-dia, como transporte, trabalho e atividades domésticas, a maior inatividade será dos indivíduos com maior renda, o que corrobora nossos resultados. Isso sugere que considerar apenas o lazer subestima o nível de atividade física em indivíduos de classe socioeconômica baixa, sendo notória a importância da relação entre atividade física e os níveis socioeconômicos¹⁵.

Como limitações, o estudo não apresentou dados que relacionassem o nível de atividade física com parâmetros do perfil antropométrico, que poderiam evidenciar a influência da prática de exercícios na composição corporal. Também não considerou a intensidade das atividades, bem como a frequência destas.

CONCLUSÃO

Com a análise dos resultados obtidos neste estudo, aponta-se a diferença de forma de

deslocamento e atividade física dos escolares avaliados, tanto em relação ao âmbito escolar, quanto ao nível socioeconômico. Nota-se que estudantes da zona urbana se mostraram mais ativos no caminho para a escola e nas práticas de atividade física, quando comparado aos seus respectivos da zona rural. Já, no nível socioeconômico, o deslocamento teve relação inversa com esta variável, enquanto que para atividade física a relação foi linear. Estes indicadores, somados ao conhecimento de suas causas, podem servir de fundamento para o desenvolvimento de programas de saúde pública que tenham a direta supervisão de profissionais da área da saúde, com a finalidade de estimular um estilo de vida saudável, com utilização de deslocamentos mais ativos fisicamente, através de uma intervenção focal, de modo a suprir as necessidades específicas da população.

REFERÊNCIAS

1. Farias Júnior JC. Associação entre prevalência de inatividade física e indicadores de condição socioeconômica em adolescentes. *Rev Bras Med Esporte*. 14(2), 109-114, 2008.
2. Pelegrini A, Petroski EL. Inatividade física e sua associação com estado nutricional, insatisfação com a imagem corporal e comportamentos sedentários em adolescentes de escolas públicas. *Rev Paul Pediat*. 27(4), 366-373, 2009.
3. Alves JGB. Atividade física em crianças: promovendo a saúde do adulto. *Rev Bras Saúde Mater Infant*. 3(1), 5-6, 2003.
4. Santos CM, Wanderley Júnior RS, Barros SSH, Farias Júnior JC, Barros MVG. Prevalências e fatores associados à inatividade física nos deslocamentos para escola em adolescentes. *Cad Saúde Pública*. 26(7), 1419-1430, 2010.
5. Reis HFC, Ladeia AMT, Passos EC, Santos FGO, Wasconcellos LT, Correia LCL et al. Prevalência e variáveis associadas à inatividade física em indivíduos de alto e baixo nível socioeconômico. *Arq Bras Cardiol*. 92(3), 203-208, 2009.
6. Barros MVG, Nahas MV. Medidas da atividade física: teoria e aplicação em diversos grupos populacionais. Londrina: Midiograf, 2003.
7. Associação Brasileira de Empresa e Pesquisa - ABEP. Critério de classificação econômica Brasil. 2009. Disponível em <www.abep.org>. Acesso em: 19 out. 2012.
8. Dumith SC, Domingues MR, Gigante DP, Hallal PC, Meneze AMB, Kohl HW. Prevalence and correlates of physical activity among adolescents from Southern Brazil. *Rev. Saúde Pública*. 44(3), 457-467, 2010.
9. Hallal PC, Bertoldi AD, Goncalves H, Victora CG. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. *Cad Saúde Pública*. 22(6), 1277-1287, 2006.
10. Oliveira TC, Silva AAM, Santos CJN, Silva JS, Conceição SIO. Atividade física e sedentarismo em escolares da rede pública e privada de ensino em São Luís. *Rev Saúde Pública*. 44(6), 996-1004, 2010.
11. Souza TF. Deslocamento passivo à escola em estudantes de um colégio particular da cidade de Itabuna, Bahia. *Educación Física y Deportes* 15(146), 2010.
12. Silva KS, Lopes AS. Excesso de peso, pressão arterial e atividade física no deslocamento à escola. *Arq Bras Cardiol*. 91(2), 93-101, 2008.
13. Fermino RC, Rech CR, Hino AAF, Añez CRR, RS Reis. Atividade física e fatores associados em adolescentes do ensino médio de Curitiba, Brasil. *Rev Saúde Pública* 44(6), 986-995, 2010.
14. Leal DB, Klug DP, Atividade Física e crianças. *Educación Física y Deportes* 11(105), 2007.

Maria MC, Reuter CP, Schwanke NL, Reuter EM, Morais GG, Burgos LT, Burgos MS

15. Ceschini FL, Andrade DR, Oliveira LC, Araújo Júnior JF, Matsudo VKR. Prevalência de inatividade física e fatores associados em estudantes do ensino médio de escolas públicas estaduais. J Pediatr (Rio J) 85(4), 301-306, 2009.

Recebido em Abril de 2012

Aceito em Maio de 2012

Publicado em Junho de 2012
